

MEMÓRIA E EXPERIÊNCIA DE OPERÁRIOS APOSENTADOS DA CAPITAL DO CARVÃO

João Henrique Zanelatto*

| |
|--|
| Recebido em: 23/03/2011 Aprovado em: 01/11/2011 |
|--|

Resumo: *Ao longo do século XX a exploração de carvão mineral marcou a cidade de Criciúma. O crescimento da exploração do carvão em Criciúma foi atraindo um grande contingente de trabalhadores migrantes provenientes dos vários municípios do Sul Catarinense e até de outros estados. Esses migrantes vieram a constituir-se na principal força de trabalho das minas de carvão. Assim, o artigo busca apontar para dois aspectos da condição de vida desses trabalhadores: 1) a trajetória no espaço fabril, suas lutas, a participação no sindicato. 2) apontar para precariedade de suas condições de vida após a aposentadoria.*

Palavras Chaves: *Memória; Trabalho; Experiência; Operários; Aposentados.*

O município de Criciúma situado no Sul Catarinense ficou conhecido nacionalmente como a capital do carvão. Sua história está fortemente identificada com a exploração do carvão ocorrida ao longo do século XX. As marcas dessa identidade são facilmente perceptíveis nos mais variados espaços da cidade. A memória do carvão é lembrada de maneira positivada nos símbolos, nas festas oficiais, (festa de Santa Bárbara – padroeira dos mineiros) nos monumentos, nos nomes dos prédios públicos, nas ruas, avenidas, nos clubes de futebol, no hino da cidade que evoca o carvão como responsável pelo seu progresso. Além disso, na produção da historiografia tradicional sobre o município observa-se um discurso ressaltando o carvão como agente do progresso não somente do município, mas também de toda a região.

Divergindo da memória e da historiografia tradicional a partir da década de 1980 foram surgindo vários estudos contrapondo-se ao discurso positivado sobre a mineração de carvão. Nos anos 80 o pioneirismo do trabalho de Terezinha G. Volpato (1984) deu visibilidade as duras condições de trabalho vivenciadas pelos trabalhadores da mineração. Na década de 1990 o trabalho de Carlos Renato Carola (2002) causou grande impacto ao demonstrar a presença do trabalho feminino nas minas de carvão. Recentemente a publicação do livro “Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina”

* Doutor em história pela PUCRS, professor do curso de história da Universidade do Extremo Sul Catarinense e líder do grupo de pesquisa “História Econômica e Social de Santa Catarina.”

(GOULART FOLHO, 2004), trouxe uma significativa contribuição na medida em que o estudo foi composto por uma coletânea de texto de várias áreas do conhecimento enfocando diversos aspectos sobre a mineração na região.

Esse artigo é resultado da pesquisa desenvolvida pelo grupo de pesquisa “História Econômica e Social de Santa Catarina” a partir de projeto aprovado pelo PPAC (Programa de Pesquisa e Ação Comunitária), constituindo-se como um trabalho de pesquisa e extensão da Universidade do Extremo Sul Catarinense. Pretendemos, então, mostrar as experiências de alguns trabalhadores aposentados que constituíram a classe operária da cidade de Criciúma ao longo do século XX e dessa maneira contribuir para alargar os estudos e a compreensão sobre o processo constituição da classe trabalhadora de Criciúma.

Dois conceitos foram centrais para o desenvolvimento deste artigo: a noção de experiência e o conceito de memória. Em relação a noção de experiência buscamos em Thompson, (1981; 1987) o qual lembra que ela expressa o que há de mais vivo na história. É a presença de homens e mulheres retornando como sujeitos construtores do devir e do presente. Não são as estruturas que constroem a história, são as pessoas carregadas de experiência. Claro que não são sujeitos autônomos nem “sujeitos livres”, suas situações e suas relações produtivas lhes são determinadoras como necessidades. As contingências históricas exercem pesada presença na vida de cada pessoa. São os antagonismos aos quais estamos todos submetidos.

Conforme Thompson (1987), essa experiência é trabalhada na cultura das pessoas e dos agrupamentos de pessoas de acordo com suas afinidades. A cultura é engendrada no âmago da experiência social, toma corpo, constrói uma coerência interna e passa a atuar, por sua vez, no embate de outras experiências (a cultura aqui é compreendida como valores, modos de vida, visões de mundo, sentimentos, aspirações, projetos, crenças, formas simbólicas de dominação e resistência, tradições, mitos, etc.). O conjunto dessas experiências orienta, dá os vetores e os caminhos das novas lutas. O grau de consciência social, conquistado na experiência e na cultura, determina os caminhos da história, que no processo é indeterminada.

Essas experiências buscamos nas memórias dos trabalhadores. Ao evocarmos a memória precisamos entender que esta é socialmente construída, pois ao recordar nos apropriamos de um passado produzido e mantido socialmente. As narrativas expressam-

se a partir de pontos de vistas próprios, buscados do ontem e reinterpretados hoje, pois como afirma Ecléa Bosi (1987, p.17) “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje as experiências do passado”.

Em Halbwachs (1990) a memória do individuo esta relacionada com a família, a classe social a que pertence, com a escola, a igreja, a profissão, enfim é constituída pelos grupos sociais, tem uma dimensão coletiva, espontânea, múltipla guardiã do passado. Contudo explica que a memória não deixa de ter um componente individual ou como entende Alessandro Portelli (1997, p.16). “O ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais”. Entretanto é preciso ressaltar que a memória individual existe, mas essencialmente como um ponto de vista da memória coletiva, enfatizando desta forma o seu caráter social.

Entendemos também que os discursos da memória, não são desprovidos de riscos: são plurais, maleáveis instáveis, imprevisos descontínuos entrelaçam acontecimentos diversos e sofrem influencia dos meios de “transmissão–comunicação” (BURKE, 2000, p.73), cabe ao historiador fazer a leitura nas entrelinhas desses discursos, rever interpretações e refinar o que se apresentava como a verdade.

Neste artigo serão apresentadas quatro entrevistas com trabalhadores aposentados que ao remexerem em seu passado trouxeram a tona suas experiências de trabalho. Esses relatos remetem ao período no qual a economia local estava ligada quase exclusivamente a exploração do carvão mineral. Esses trabalhadores, aposentados, falam também de sua condição de vida após a aposentadoria, idosos, fora do mercado de trabalho e desprezados pelo sistema de previdência social.

Memória e Experiência de João Batista

Iniciamos com o relato do senhor João Batista, aposentado como trabalhador da mineração, hoje com setenta e sete anos, originário de uma família que migrou da cidade de Laguna para Criciúma em busca de trabalho na minas de carvão. Ele relata que:

Eu peguei na mina em 1945, na Metropolitana, quer dizer, naquele tempo o dono era lá do Rio de Janeiro, era o Evaldo Loyd, da

Metropolitana Velha que eles chamavam. E ali eu trabalhei, peguei na mina. O meu irmão era mineiro, aí me arrumou fichamento. Perguntou se eu queria trabalhar com ele, eu disse: “Vou!” Aí peguei com ele. Eu tinha dezessete anos e seis meses naquela época. Peguei para trabalhar de ajudante com ele na mina.

Na narrativa do Senhor João Batista, podemos perceber que o mesmo começou a trabalhar nas minas ainda muito jovem no contexto do *boom* da mineração na década de 1940, quando da Segunda Guerra Mundial que tornou difícil a importação aumentando com isso o consumo do carvão mineral nacional. Nessa mesma época se instalou em Criciúma a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), iniciando assim, o período de maior expansão da exploração do Carvão da Região. Além da CSN, um número significativo de mineradoras, se instalaram na região e em Criciúma, elevando também a necessidade de mão-de-obra. Conforme Goularti Filho (2002, p.88).

Nos anos 30, surgem mais quatro companhias, nos anos 40 mais 30, e nos 50 mais oito, todas de pequenos proprietários locais. (...) Em 1931 o governo Vargas decretou a obrigatoriedade do consumo de 10% de carvão nacional e em 1937 a cota foi elevada para 20%. Além desses dois decretos foram editados outros que beneficiaram diretamente o carvão catarinense, como o Decreto 4.613 de 1942 que, dentro do “esforço de guerra”, o governo federal encampou toda a produção, elevando-a de 204.181 toneladas em 1939 para 815.678 toneladas em 1945.

Esse crescimento da exploração do carvão acelerou a migração de trabalhadores do sul catarinense para Criciúma o que levou a um crescimento significativo da população, que quase dobrou naquele período (Carola, 2002. Miranda, 2003. Nascimento, 2004). Observamos, nesse contexto, a presença de dois tipos de migrantes bastante distintos, o primeiro era recrutado pelos dirigentes das companhias mineradoras para ocuparem postos de comando como: diretores, engenheiros, administradores, médicos entre outros, que vinham, em sua maioria, de outros estados, ao se estabelecerem na cidade constituíram uma classe média urbana, aliada dos mineradores.

Já o segundo grupo, era constituído por trabalhadores que migraram dos vários municípios da região sul para Criciúma, atraídos pela possibilidade de emprego na

atividade carbonífera, como ocorreu com a família do Sr. João Batista que migrou de Laguna no início da década de 1920.

O senhor João Batista iniciou na época do grande crescimento da atividade carbonífera em Criciúma, década de 1940. Relata que o processo de extração de carvão era muito rudimentar. As galerias eram muito baixas, os próprios mineiros é que detonavam as rochas, e o carvão era retirado por vagonetas, enchidas a pá e retiradas da mina empurrada pelos mineiros, a maior parte do percurso era sobre trilhos de madeira. Isso tornava o trabalho do mineiro muito exaustivo e perigoso, muitos acidentes ocorriam no local de trabalho, como João Batista relatou em seu depoimento, lembrou de pelo menos três acidentes com mortes naquela época. Além do perigo dos acidentes, os trabalhadores tinham sua saúde deteriorada em pouco tempo. Com 29 anos, após onze anos de trabalho pesado, João Batista ficou sem condições físicas para o trabalho na mina, foi afastado do trabalho, retornando sete anos depois.

Sobre a participação no sindicato e nas greves, João Batista diz que nunca foi muito interessado, somente recorreu ao sindicato quando estava doente e a empresa não queria lhe conceder a licença. Sobre as greves diz que eram sempre os mineiros mais velhos que faziam a frente, só que, quando conseguiam um aumento, tinha uma conseqüência no ritmo de trabalho:

(...) eles deram uma vez dez por cento que eu me lembro - ainda foi no governo do presidente Dutra - ai nós ganhamos dez por cento por causa da greve. Mas quem era puxador de carvão e mineiro sofria, porque quando fazia uma greve e ganhava aumento – depois eles queriam cobrar do mineiro: queriam os carros bem cheios e o carvão bem limpo, não podia ter pedra no carvão, a vagoneta bem cheia. Então ali era uns três ou quatro meses o fiscal apelando. Depois com o tempo eles iam esquecendo e voltava ao normal de novo. Mas naqueles meses a gente sofria, porque tinha que estar o carro bem cheio, quase derramando, bem limpo. Porque se não fosse, perdia, pois (?) lá na rua o carvão se tivesse pedra, era assim. Então vinha aquele aumento mais era pouquinho que vinha.

João Batista, mesmo depois de se aposentar continuou trabalhando, primeiro numa coquelaria e por último numa cerâmica de azulejos. Hoje, passa seus dias com a família, ajuda a esposa nos trabalhos domésticos e em pequenos serviços de manutenção da casa, gosta de fazer compras no supermercado, como afirma, sempre onde está mais

barato, e outra atividade é ir para casa de praia. Percebe a perda do poder aquisitivo que seu salário teve após a aposentadoria. Sua aposentadoria não chega a dois salários mínimos, isso dificulta sua condição de vida. Diz que conhece muito pouco do Estatuto do idoso, apenas de ouvir através da mídia, mas reconhece que alguns direitos são muito importantes, como o passe livre no transporte coletivo. Se não fosse isso, não teria como freqüentar sua casa de praia.

Lembranças José Pedro

José Pedro, natural de Imaruí, onde sua família tinha algumas terras, um engenho e sobreviviam da agricultura veio para Criciúma 1954 com a idade de 18 anos para trabalhar como ajudante de mineiro na Mina União. Lembra que essa mina pertencia a um senhor espanhol conhecido como Portela, e mais tarde passou para o grupo Diomício Freitas.

José Pedro, após algum tempo como ajudante passou para o posto de mineiro. Relata que o trabalho era essencialmente braçal, mas já havia uma mecanização incipiente. Ao falar da CSN (Companhia Siderúrgica Nacional), conta que era melhor do que as outras companhias, pois essa era estatal e seus trabalhadores tinham mais direitos: “*era muito melhor, não tem nem comparação*”.

Sobre as vilas operárias, lembrou que as condições eram muito precárias, as casas eram pequenas, não tinha água encanada, instalação sanitária e luz elétrica, quando tinha funcionava somente até as dez horas da noite. O senhor José Pedro casou-se em Criciúma, mas sua esposa também é originária de Imaruí, isto é, fazia parte da mesma leva de migrantes que vieram para Criciúma atraídos pela mineração do carvão.

José Pedro participou das greves de mineiros ocorridas em 1957, 1958 e 1960, além do movimento pela legalidade, liderado por Leonel Brizola a favor da posse de João Goulart na presidência da República após a renúncia de Jânio Quadros em 1961.

A participação nesses movimentos levou o senhor José Pedro a se envolver mais diretamente com o sindicato dos mineiros e também com o Partido Comunista Brasileiro, que ao que parece tinha certa influência entre os operários das minas de carvão em Criciúma. Após o golpe militar de 1964, Teodoro foi demitido da companhia, devido sua participação no movimento sindical. Voltou então para Imaruí

onde passou a viver da pesca, mas logo retornou a Criciúma a convite de um amigo que lhe havia arrumado um emprego em outra mineradora.

Segundo José Pedro, as greves do período tiveram como principais motivações os baixos salários e as condições de trabalho como exemplifica:

É o gás, carbureto...Então a gente chegava lá, dava 200g de carbureto por dia, agente comprava, descontava no pagamento, a dinamite também era descontada. Ai a gente lutou pra ter, bota também, nós trabalhava de sapatão, não tinha bota, não tinha nada, tinha gente que trabalhava de pé no chão, bota ou de sapatão, era um sapatão que eles faziam na sapataria, tinha umas duas sapatarias que faziam assim né. Então a gente comprava aqueles sapatão, mas tinha algum que trabalhava descalço. Também não hora para trabalhar, pegava 2 horas, 3 horas da madrugada, era um período só, fazia um turno só, pegava das três da manhã as três da tarde. Ganhava pela produção, quanto carro de carvão tirava assim tu ganhava.

Nas lembranças do senhor José Pedro é possível observar que esse enfatiza a sua participação no movimento sindical, bem como as condições de trabalho da época e as posturas de alguns empresários classificando-os como bons ou maus. Como exemplo fala que Sebastião Toledo dos Santos era um bom patrão, “pagava melhor”, enquanto Sebastião Neto Campos e Diomício Freitas como os piores, pois pagavam pouco e cometiam muitas injustiças.

José Pedro, mesmo após a aposentadoria continuou participando dos movimentos sociais. Hoje é o Vice-Presidente da Associação dos Aposentados de Criciúma, foi presidente da associação de moradores de seu bairro e ocupou um cargo público na prefeitura de Criciúma durante a gestão de José Augusto Hülse na década de 1980. Além de ter sido um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores no município, no qual não ficou muito tempo.

É Conhecedor do estatuto do idoso, faz parte do Conselho Municipal do Idoso e concorda com o que está escrito, mas tem desconfiança quanto à possibilidade de ser colocado em prática. Preocupa-se muito com as gerações atuais, percebe uma grande despreocupação com o futuro, e que a geração atual tem que aprender a ouvir mais os idosos.

Sobre seu tempo livre, além de ocupar com atividades políticas José Pedro tem uma casa de praia, onde passa todo o verão e também afirma que:

Eu tenho um quintalzinho, de manhã eu dou uma andada assim na Vila, eu caminho um pouco, ando ao redor da Mineira alí eu caminho. Chega a tarde eu tomo um café e vo uma vez outra planta um bocadinho, eu tenho dois lote de terra né, tem a casa e dois lote e tenho dois quintal, eu ainda planto milho, alface, u aipim, um bocado de flor. Quando os vizinho quer alguma coisa, vão lá em casa, é uma ferramenta e tudo, eu tenho tudo né, isso assim e participo, agora to meio parado assim né, mas eu participei do movimento, ajudei a fundar a Associações, eu não fiquei assim de braços cruzados não assim, ajudei a fundar o PT.

A Curta Trajetória de Valdir na Mineração

Valdir iniciou na mina com 21 anos, filho de um pequeno comerciante, agricultor e que prestava serviços como empreiteiro da carbonífera CBCA, motivo pelo qual facilitou a admissão de Valdir nessa Companhia de mineração como fiscalizador da produção de carvão.

Além de fiscalizar a produção de carvão, isto é, registrava a produção dos trabalhadores que tinham que cumprir certa cota de extração de carvão diário, Valdir também fazia manutenção nas ferramentas utilizadas pelos mineiros, como apontar picaretas e furadeiras. Aos 28 anos sofreu um acidente no interior da mina. Foi atingido por uma pedra que se soltou do teto. Por conta disso, foi afastado do trabalho e acabou se aposentando. Hoje diz “se fosse para começar de novo, preferiria varrer rua”.

Durante o período que trabalhou na mina Valdir afirma não ter se envolvido em graves: “Tinha greve, mas eu nem cheguei perto da greve”. A forma como Valdir ingressou no trabalho da mina talvez explique sua posição em relação à participação de greves e no sindicato. Seu pai era empreiteiro da carbonífera CBCA, o filho tornou-se funcionário da empresa na função de fiscalizar o trabalho dos operários. Como fiscalizador, havia uma separação de função em relação aos outros operários e que poderia dificultar uma maior integração desses com seus companheiros, até porque, sua função era fiscalizar em nome do patrão. Isto é, suas relações, provavelmente, eram mais próximas com seus superiores do que com os companheiros.

O senhor Valdir, por conta do acidente, acabou aposentado com menos de 30 anos de idade, por invalidez. Por ironia do destino, uma outra tragédia em sua vida, um acidente de automóvel, o deixou impossibilitado de andar. Hoje vive sobre uma cama

num asilo de idosos da cidade de Criciúma. Afirma que sua aposentadoria não cobre todas as suas despesas. Desconhece o Estatuto do Idoso, isto é, seus direitos, e a única coisa que gostaria é ter mobilidade pelo menos para “dar uma voltinha”.

A Trajetória de Raul

O senhor Raul, que começou a trabalhar nas minas em 1957, com 18 anos. Foi chamado pela Carbonífera São Marcos para trabalhar na oficina mecânica, e posteriormente fez um curso por correspondência de eletrônica e passou a ocupar a função de eletricista. Raul lembra que na Carbonífera São Marcos trabalhou 18 anos e depois passou para a Carbonífera Criciúma de propriedade de Diomicio Freitas. Relata que naquele contexto ocorreu uma divisão da sociedade que havia entre os Freitas e os Guglielmi, os dois principais mineradores da região e que juntamente com outros constituíram as elites da cidade.

José Paulo Teixeira (1996, p.111) em “Os donos da Cidade” analisa as empresas formadas a partir de famílias locais: “No desenvolvimento inicial da mineração, algumas empresas e famílias dominaram o setor e, desde então, suas histórias se confundem com a história de Criciúma, das suas elites e do imaginário da cidade”. Esses são lembrados, nas falas dos depoentes, como participantes ativos da vida política e econômica da cidade, como na narrativa de Teodoro, que os classificava como “alguns eram bons patrões outros maus”.

Raul lembra ainda do contexto que era criado uma legislação no qual os mineiros trabalhariam 15 anos e se aposentariam. “*Logo em seguida veio aquele direito do aposentado se aposentar com 15 anos*”. Mesmo sabendo que poderia se aposentar Raul continuou trabalhando na expectativa de conseguir uma aposentadoria com um salário melhor.

Em suas lembranças, Raul destacou as diferenças entre o trabalho manual e o mecanizado. “*Eu trabalhei em baixo, era fazer serviço de iluminação e motores de bomba, guincho, essas coisas né. Depois, quando eu passei pra mecanizada é que foi diferente o trabalho lá*”. Faz toda uma descrição utilizando também de gestos para explicar como o carvão era escoado para fora da mina, tanto nas manuais como nas mecanizadas. Reconhece que a mecanização das minas provocou um salto na produção,

“produziam carvão que era uma coisa de louco, num instante acabaram com as minas por causa disso aí”. No entanto, ao falar sobre os acidentes de trabalho não observou nenhum tipo de mudança em relação a mina manual e a mecanizada.

(...) na época quando morria um na mina era bastante falado, mas sempre morria, tem quantidade de pessoa que morria tanto na manual, quanto na mecanizada, bastante amigo eu já perdi na mina, se eu for falar de tudo eles, não lembro de todos né (...)

Raul não participou de greves, essas não são uma lembrança forte em sua memória. Por ocupar uma função essencial, eletricitista, mesmo em momentos de greves tinha que ir à frente de trabalho, pois as bombas d'água não podiam parar sob pena de alagar toda a mina. Ele relata que não teve participação ativa no Sindicato.

Assim, eu era sócio e na verdade hoje até eu tenho algum direito porque sempre paguei sindicato. Comecei aqui nesse sindicato de Criciúma né, depois passei para aquele do Rio Maina, mas hoje os direitos que eu tenho é sempre pelo sindicato do Rio Maina.

Ao falar de sua condição de sócio do Sindicato seu Raul aponta para a divisão do Sindicato dos mineiros de Criciúma, situação impar na história do sindicalismo brasileiro no qual uma categoria de trabalhadores do mesmo município possui dois sindicatos. A pergunta que se faz é a seguinte: Porque isso aconteceu? Volpato em seus estudos destaca que em virtude da alta organização e mobilização e reivindicação do Sindicato e dos mineiros que estava se processando no início dos anos de 1960, só para citar alguns exemplos os mineiros entraram em greve nos anos de 1958, 1959, 1960, 1961 e 1963, contrariando os interesses dos mineradores. Nas eleições que escolheriam a nova diretoria do Sindicato de Criciúma em 1961, “os patrões empreenderam uma campanha sistemática para retomarem através de lideranças pelegas, o controle e a orientação da política sindical” (VOLPATO, 1984, p.121).

Segundo Volpato, os mineradores não conseguindo ganhar as eleições, liderados por Diomício Freitas, começaram a fazer articulações junto ao Ministério do Trabalho para criar outro Sindicato em Criciúma. Em pouco mais de trinta dias foi criada uma associação de mineiros transformada em Sindicato. Desta maneira estava criado dois

Sindicatos de Mineiros no município de Criciúma, mas com orientação distinta (VOLPATO, 1984, p.122-3).

Raul, devido ao seu local de trabalho, aderiu ao Sindicato do Rio Maina, o qual foi criado por articulação dos mineradores com objetivo de dividir a categoria e que exercia uma função assistencialista. A partir desse momento seu Raul não observou lutas de seu Sindicato e dessa maneira faz algumas comparações:

*O sindicato atuava de uma maneira diferente, porque na verdade parece que eles eram mais direito, hoje as coisas são mais diferentes, os sindicatos hoje tão assim, agente não vê nem...
Então na verdade é bastante diferente porque surgia qualquer problema eles tinham aquela força sindical, entende? Então era diferente de hoje, e foi caindo aos poucos isso foi diminuindo, hoje agente vê as coisas tão diferentes.*

Raul ocupava uma função importante no processo de extração de carvão. O trabalho do eletricista era essencial para manter a mina funcionando, no entanto, poucos ocupavam essa função, apenas um em cada turno de trabalho, segundo afirma Raul, o que aumentava muito sua responsabilidade com o trabalho e talvez o afastasse da convivência com os operários braçais e, conseqüentemente, com o movimento sindical.

Quando obteve sua aposentadoria Raul ainda continuou trabalhando, trocou a Carbonífera Criciúma pela CBCA, nesta ficou por cinco anos e só saiu quando essa empresa faliu e foi encampada pelo sindicato. Lembra dessa época com certa mágoa, diz que saiu com a fama de puxa saco do patrão, por não ter se envolvido com o movimento. Após isso, continuou trabalhando por conta própria consertando aparelhos de tv.

Em relação à condição de aposentado percebe sua condição econômica e de vida deteriorada à medida que o tempo foi passando. Aposentou-se com cinco salários e hoje recebe apenas dois. Conseguiu construir sua casa e criar seus seis filhos com o salário da ativa, com a aposentadoria mal consegue se manter.

Então é coisa interessante, é um negócio que não deveria acontecer isso aí, porque o ser humano trabalha uma vida inteira pra depois desfrutar do que ele trabalhou e de repente o que vai acontecer, é que vem o remédio, vem a doença, precisa de remédio né. Agora você vê fica ruim, como eu disse, eu não tenho condições de arrumar a casa é porque não

tem condições mesmo. É por isso que o quando eu trabalhava tinha condições porque eu recebia e as coisas eram melhor né...

Raul se mostra desiludido com as condições atuais dos aposentados:

Também o que mais me incomoda seria financeiramente, porque se a pessoa tá bem abonada no dinheiro, tem o dinheiro que possa superar as despesas, a gente também não se preocupa tanto com as coisas, não é mesmo? Se a gente pode passar 1 mês, fazer o rancho naquele mês, pagar as contas direitinho, não dever nada para ninguém, já é uma grande coisa, visto que nós dois estamos passando uma dificuldade e isso é com quase todo mundo porque eu noto assim que de uns tempos pra as coisas ficaram bastante ruins mesmo.

Porém, reflete também, sobre outra ótica, a possibilidade do tempo livre, diz que ainda faz algum trabalho para fora, mas faz seu próprio horário, como diz: “quando quero descansar, descanso, quando quero tomar café tomo”. Raul ainda diz que gosta muito de praia, lá é que se sente melhor: “Tenho uma casinha na praia, lá eu faço uma coisa e outra, e lá para mim parece que é vida”.

Últimas Palavras

Os casos acima são relatos de experiências individuais de pessoas que passaram grande parte de sua vida dedicada ao trabalho de extração de carvão. Procuramos traçar suas trajetórias, mesmo que rapidamente. Trata-se de uma opção metodológica, pois não estamos estabelecendo médias quantitativas, apenas mostrando percursos individuais que compõe o todo.

Esses fazem parte do primeiro período de crescimento da cidade de Criciúma que está diretamente relacionada com a exploração do carvão mineral descoberto no final do século XIX. Contudo, foi durante a Primeira Grande Guerra Mundial que a região assistiu ao primeiro surto de crescimento das atividades carboníferas. Em seguida, vieram as medidas protecionistas do Governo Vargas e a criação de políticas voltadas à industrialização pesada dos anos 50, provocando uma aceleração ainda maior da extração do carvão. Com os choques do petróleo dos anos 70 e dentro de um projeto mais ousado de industrialização comandado pelo Estado, o carvão catarinense passou a substituir os derivados de energéticos. Em 1985, as atividades carboníferas geravam

aproximadamente 11 mil empregos diretos com uma produção de 19,8 milhões de toneladas de carvão bruto. Havia uma ampla estrutura produtiva e institucional apoiada pelo Estado que garantia a extração, o transporte e o beneficiamento do carvão. (VOLPATO, 1984; GOULART FILHO, 2002; 2004)

Os operários aposentados da mineração ao relatarem suas experiências enfatizaram as condições precárias de trabalho, na qual estavam submetidos. Em seus relatos destacaram também a difícil situação sócio-econômica que passaram a vivenciar após a aposentadoria. A precarização de seus salários impôs uma volta ao trabalho, que mesmo ainda jovens, estavam com a saúde bastante debilitada. Além disso, é preciso explicitar que a sociedade industrial rejeita os velhos, os aposentados, não dando a eles nenhuma possibilidade de sobrevivência a sua obra, e na medida em que perdem sua força de trabalho, deixando de ser produtores e re-produtores, a sociedade encarrega-se de colocá-los a margem. Os velhos e aposentados das classes favorecidas acabam defendendo-se dessa situação por meio dos bens e propriedades que possuem, sendo que os despossuídos, sequer têm em que se apoiar diante de uma relação com os jovens que, segundo Ecléa Bosi, é de “duplicidade e má fé” (BOSI, 1987 p.78), na medida em que tentam coloca-los sob sua tutela, sendo comum encontrarmos situações em que os mais velhos sequer conseguem controlar os poucos recursos que percebem como resultado de uma vida inteira de trabalho.

Essa sociedade que valoriza apenas o novo e o vigor da juventude desqualifica as experiências dos mais velhos e dos aposentados que ficam relegadas ao esquecimento. O velho os aposentados em especial os da mineração que tem sua saúde bastante debilitada aparecem como um estorvo para a sociedade, que precisa manter uma estrutura de assistência social específica e dispendiosa para os mesmos. Porém, esses aposentados estão aí, discriminados, vendo seus direitos serem cada vez mais diminuídos, as aposentadorias são vistas como um problema social, isto é, pode falir o sistema previdenciário nacional. Não se reconhece que a aposentadoria foi resultado de muitos anos de trabalho e contribuição e no final da vida recebem como recompensa o desprezo dos governos e da sociedade. Os aposentados, os idosos passam a ser classificados como um grupo de pessoas inúteis, que já não tem com o que contribuir para a sociedade, sequer com sua experiência de vida que vem à luz através da memória, como num ato pedagógico.

MEMORY AND EXPERIENCE OF WORKERS RETIREES OF CAPITAL COAL

Abstract: *Along of century XX the exploration of mineral coal marked the city of Criciúma. The growth of the exploration of coal went attracting a big contingent of migrants workers descendents of the some counties of the south Catarinense and until of the others states. These migrants came to act as in the principal workforce of the coal mines. So, the article search to point for two aspects the condition of life these workers: 1) the trajectory in the factory space, theirs struggles, participation in syndicate. 2) point to the precariousness of their living standards after retirements.*

Keywords: *Memory; Work; Experience; Workers; Retireds.*

Referências Bibliográficas

BURKE, Peter. **Variiedades da história Cultural**. Tradução: Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2000.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Edusp, 1987.

CAROLA, Carlos Renato. **Dos Subterrâneos da história: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina 1937-1964**. Florianópolis. Editora da UFSC, 2002.

____. **Modernização, Cultura e Ideologia do Carvão em Santa Catarina**. In: ____ (Org.). **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: cidade futura, 2004.

GOULARTI FILHO, Alcides. **Memória e cultura do carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: cidade futura, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Vértice; Editora: Revista dos Tribunais, 1990.

LOURENÇO, Oswaldo. **O Movimento dos Aposentados e suas Lutas**. São Paulo: Gráficas Brasileiras, 1992.

MIRANDA, Antônio Luiz. **Bairro da Juventude: 50 anos de história – filantropia na poeira do carvão**. Criciúma: Unesc; 2003.

NASCIMENTO, Dorval do. **As Curvas do Trem: a presença da estrada de ferro no sul de Santa Catarina (1880 –1975)**. Criciúma: Unesc, 2004.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre ética e história oral. **Projeto História**. São Paulo, nº 15, abril/1997.

TEIXEIRA, José Paulo. **Os Donos da Cidade**. Florianópolis: Insular, 1996.

THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Volume I, II e III. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **A Miséria da teoria**: Ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VOLPATO, Terezinha Gascho. **A Pirita Humana**: os mineiros de Criciúma. Florianópolis: Ed. da UFSC/Assembléia do Estado de Santa Catarina, 1984.

_____. **Vidas marcadas**: trabalhadores do carvão. Tubarão: Ed. Unisul, 2001.

Entrevistas

DENONI, Valdir. Entrevista concedida em 01/11/2004.

MIRANDA, João Batista. Entrevista realizada em 18/10/2004.

TEODORO, José Pedro. Entrevista concedida em 18/11/2004.

LUZ, Raul. Entrevista concedida em 06/10/2004.

| |
|---|
| This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited. |
|---|